

EDUCAÇÃO TENDO COMO ALVO A AUTONOMIA DO SUJEITO¹

Letice Elicker²

Paula Gaida Winch³

RESUMO

Este artigo tem como tema central a educação atual tendo como alvo a autonomia do sujeito. Aborda-se a importância das metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem e nas relações professor-aluno, apontando para o fato de que quando o professor decide ocupar um cargo de autoridade, ele se torna um líder, designando a sala de aula como um importante espaço de convivência, no exercício da liberdade e da autonomia. Propõe-se uma reflexão sobre a interação em sala de aula, onde o professor se torna o principal mediador desta ação, propiciando a aprendizagem dos alunos, demonstrando que muitas vezes a autonomia do aluno na aprendizagem pode melhorar o convívio dele com o professor, permitindo um relacionamento estabelecido na amizade e respeito, desenvolvendo assim o seu próprio progresso físico, psíquico, espiritual e moral. Metodologicamente, ampara-se em uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL), tendo um recorte temporal dos últimos 10 anos (a partir de 2013). Foram selecionados 4 artigos, sendo feita a leitura e a análise. A partir da análise, concluímos que a melhor estratégia para alcançar a autonomia do sujeito é buscar por metodologias que foquem no sujeito como protagonista no seu processo de aprendizagem, desenvolvendo sua autonomia.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas Pedagógicas; Atuação do professor; Metodologias Ativas

ABSTRACT

This article focuses on current Education considering the development of autonomous students. It deals with the importance of Active Methodologies in the teaching and learning process and with the relation between teacher and student, indicating that when the teacher decides to take a place of authority, he becomes a leader, turning the classroom into a relevant living space, to act with freedom and autonomy. It is proposed to reflect upon the interactions inside the classroom, where the teacher becomes the main mediator of the teaching practice, demonstrating that the autonomy assigned to the student can improve the relation among students and teacher, cultivating friendship and mutual respect, developing, in this way, their own moral, spiritual, psychological and physical progress. In relation to methodology, a

¹ Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Ensino, Linguagens e suas Tecnologias na forma de Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito para obtenção do diploma de Especialista em Ensino, Linguagens e suas Tecnologias.

² Acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Ensino, Linguagens e suas Tecnologias do IFRS-Campus Ibirubá. Licenciada em Matemática. E-mail: elicker.letice@hotmail.com

³ Orientadora e professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFRS-Campus Ibirubá. Doutora em Linguística Aplicada. E-mail: paula.winch@ibiruba.ifrs.edu.br

Systematic Literature Review was done, considering the publications in the last 10 years (from 2013). There were selected 4 articles, which were read and analyzed. From this analysis, it was concluded that the best strategy to reach student's autonomy is to search for methodologies that focus on the students as protagonists in their learning process, developing their autonomy.

KEYWORDS: Pedagogical practice; Teacher action; Active Methodology

INTRODUÇÃO

O desafio da tarefa pedagógica hoje é tornar o ensino escolar tão atraente e vigoroso quantas outras atividades que tenham interesse na vida dos alunos. Além disso, cabe também às instituições de ensino fornecer meios para que o jovem esteja apto a atuar de modo mais dinâmico e autônomo em seu contexto social.

No ano de 2020, a educação teve que ser modificada para que atendesse a nova demanda surgida com a pandemia de Covid-19, tendo-se que incorporar o dinamismo das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no espaço escolar. Desta forma, a possibilidades de acesso à informação e a interação entre alunos e professores resultaram em grandes desafios para ambos os lados. Apesar das TICs estarem presentes em nosso dia a dia, as teorias pedagógicas e a tecnologia não estavam entrelaçadas na aprendizagem escolar, necessitando, assim, de um esforço na busca por formas novas e úteis de usá-las a nosso favor, não abrindo mão das práticas escolares do século XIX.

A pandemia mundial foi capaz de trazer mudanças positivas e acelerar a transformação da educação; sendo necessárias novas regras de distanciamento social, dado que o fechamento das escolas foi o estopim da implementação da educação a distância, imposta a professores e alunos. Diante deste problema sem solução imediata, houve muitas mudanças e resistências por ambas as partes, com necessidades de continuidade do processo de ensino-aprendizagem, tendo de lidar com novos desafios e vulnerabilidades deste novo contato virtual.

Entraram em cena pesquisadores e especialistas em TICs para apoiar professores neste contexto emergencial. Através de seu voluntariado, pesquisaram juntos novas ferramentas educacionais para interação conjugada com os estudantes atuais.

Como resquício desse período, pode-se mencionar estudantes extremamente adeptos e usuários da tecnologia. Torna-se mais evidente, assim, para a atuação docente nos dias de hoje, o desafio de tornar o ensino escolar tão atraente e vigoroso quanto às atividades relacionadas ao uso da tecnologia, que ganham interesse e cada vez mais espaço na vida dos alunos. Ademais, cabe também às instituições de ensino, além de refletir sobre metodologias visando a atrair a atenção e o interesse do aluno, também fornecer meios para que o jovem esteja apto a atuar de modo mais dinâmico e autônomo em seu contexto social.

Diante disso, tem surgido muitos questionamentos acerca de quais seriam os elementos necessários para o desenvolvimento de uma prática docente tendo em vista a formação de alunos mais autônomos, inclusive em relação aos recursos tecnológicos que se têm à disposição. Nesse sentido, essa pesquisa teve por objetivo identificar e analisar sugestões apresentadas em publicações científicas em relação a como aprimorar a prática pedagógica, visando desenvolver a autonomia do aluno.

Na sequência deste artigo, é abordada a questão do professor autoritário e do professor com autoridade e como isso se relaciona com o desenvolvimento da autonomia por parte do aluno. Após, é discutido o conceito de “práticas pedagógicas”, explicitando sua importância na formação do aluno. Por fim, é relatado como a pesquisa foi realizada, seu percurso metodológico, as publicações científicas encontradas, as sugestões nelas apontadas e, ao final, uma síntese e análise dos resultados obtidos.

Como diferenciar professor líder e professor autoritário?

O professor líder compreende as necessidades dos alunos, cobra limites claros e estimula emocionalmente. Ribeiro (2010) afirma que o papel do professor vem tornando-se mais amplo e complexo, deixando de ser apenas o transmissor de informações e passando a ser considerado parceiro na construção dos conhecimentos, o que implica novos saberes e atitudes que possibilitam aos estudantes integrar, no processo de aprendizagem das disciplinas, os aspectos cognitivo, afetivo e a formação de atitudes.

Esse estilo implica que, ao mesmo tempo em que o professor apresenta claramente o nível de exigência da escola e da sala de aula, pelo estabelecimento de regras, limites e monitoria do comportamento, também há presença de afetividade nas relações. Dessa forma, os professores líderes propiciam atividades que estimulam os aspectos físico, cognitivo,

afetivo e social da criança, de forma afetiva, em ambiente agradável e acolhedor de aprendizagem nas mais diversas situações, mantendo-se claros e coerentes em relação aos limites e regras da escola e da sala. Esses professores propõem atividades, exigem obediência, mantêm a autoridade, fazem uso de explicações, entretanto estão abertos para trocas com os alunos, elogiam e recompensam quando eles se comportam de forma adequada, consideram os sentimentos e as opiniões deles, fornecem alternativas e fazem participar das decisões, permitindo o desenvolvimento da autonomia.

Já o professor autoritário é rígido com normas, abstém-se da comunicação e do afeto, no estilo de liderança autoritário predomina a alta exigência e a baixa responsabilidade. São professores que valorizam a autoridade, a ordem e a estrutura tradicional sem atender às demandas da criança. Buscam a obediência das crianças sem considerar que para a etapa da escolarização, é preciso ensiná-las a seguir regras. Não permitem que elas participem de decisões, consideram pouco o que as crianças sentem ou falam e não demonstram interesse por elas. Contrário a isso, acredita-se que se deve ter liberdade criativa, aceitar o aluno e entender que cada um tem seu jeito de aprender.

A sociedade produz a escola que produz a sociedade. Desde logo, “como reformar a escola se não se reforma a sociedade, mas como reformar a sociedade se não se reforma a escola?” (MORIN, 1999, p.106). É preciso entender que não se pode estigmatizar os alunos como burros ou inteligentes; mas sim, incentivar o pensamento crítico, pensar no ser humano como um ser humano, preparando ele para a vida; repensar o uso dos recursos naturais; repensar novas maneiras de ensinar.

Na sequência, define-se o conceito de “práticas pedagógicas”, explicitando sua importância na formação do aluno.

Práticas pedagógicas:

Há dificuldade, entre os professores, em perceber o sentido que se costuma atribuir à prática pedagógica ou mesmo aos saberes pedagógicos. Há certa tendência em considerar como pedagógico somente o plano de aula, apenas o visível dos comportamentos utilizados pelo professor durante uma aula.

O antes e o depois das formas de saber apresentadas realça a prática pedagógica, a

qual deve ser regida por fins pré-fixados e governada por regras pré-determinadas. Para que seja educativa somente adquirirá inteligibilidade à medida que for regida por critérios éticos, os quais servem para distinguir uma boa prática de uma má. Os critérios visam ao estabelecimento de uma prática pedagogicamente tecida de outra, adequando-a à tecnologia utilizada.

Entende-se que uma aula somente se torna uma prática pedagógica quando está organizada através de intencionalidades, tendo sentido de: reflexão, acertos e finalidades alcançadas, através de uma ação consciente e participativa por parte dos alunos.

Pode-se considerar, conforme Franco (2016), que alguns princípios são fundamentais para a organização da prática pedagógica, dentre eles: a) “As práticas pedagógicas organizam-se em torno de intencionalidades previamente estabelecidas, e tais intencionalidades serão perseguidas ao longo do processo didático, de formas e meios variados.” (p. 543); b) “As práticas pedagógicas caminham por entre resistências e desistências; caminham numa perspectiva dialética, pulsional, totalizante.” (p.544); c) “As práticas pedagógicas trabalham com e na historicidade; implicam tomadas de decisões, de posições e se transformam pelas contradições” (p. 545).

Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas incluem desde planejar e sistematizar a dinâmica dos processos de aprendizagem até caminhar no meio de processos que ocorrem para além dela, de forma a garantir o ensino de conteúdos e de atividades que são considerados fundamentais para aquele estágio de formação do aluno, e, através desse processo, criar nos alunos mecanismos de mobilização de seus saberes anteriores, construídos em outros espaços educativos.

O professor em sua prática, pedagogicamente estruturada, deve saber recolher como ingredientes do ensino as aprendizagens de outras fontes, de outros mundos, de outras lógicas, para incorporar na qualidade de seu processo de ensino e à ampliação daquilo que se considera necessário para o momento pedagógico do aluno.

Ademais, a interação em sala de aula aproxima não somente professor e aluno, mas desenvolve o coleguismo entre os alunos. A competição saudável no âmbito do conhecimento, do desafio a ser vencido, faz com que novos horizontes se abram. Atividades como de pesquisa, jogos, a valorização dos pequenos avanços no conteúdo ministrado em sala de aula e a preocupação por parte do professor na aprendizagem dos alunos, fazem com

que grandes resultados sejam alcançados, contribuindo significativamente para o processo de ensino-aprendizagem.

A liberdade de cada pessoa é essencial para que ela tenha uma vida plenamente satisfatória. Quando alguém não possui a sua própria liberdade, não consegue se desenvolver como pessoa. A liberdade de se expressar, a liberdade de pensamento e de ação, são elementos fundamentais para qualquer um. Entender a educação não apenas em seu sentido formal (escolas, diplomas, títulos), mas como um processo contínuo de desenvolvimento e aperfeiçoamento de capacidades, faz-nos compreender que, desde que nascemos e ao longo de toda a nossa vida, vamos nos emancipando pelo aprendizado. A educação, pois – parafraseando Paulo Freire – liberta: permite que, pelo conhecimento, cheguemos à compreensão, e pela compreensão à ação consciente e verdadeiramente transformadora.

Segundo Krishnamurti (2009), a educação não significa adquirir conhecimentos, juntar e correlacionar fatos, mas sim compreender o significado da vida como um todo. A educação deve despertar no indivíduo a capacidade de estar cômico de si próprio, e não apenas deixá-lo comprar-se na expressão individual. “A educação não é uma simples questão de exercitar a mente. O exercício leva à eficiência, mas não produz integração. A mente que foi apenas exercitada é um prolongamento do passado, nunca poderá descobrir o que é novo.” (KRISHNAMURTI, 2009, p.11).

Educação consiste em compreender a criança tal como é, sem lhe impor nenhum ideal relativo ao que pensamos que ela deveria ser. É investigar o total significado do viver. “Compreender a vida é compreender a nós mesmos; este é o princípio e o fim da educação. Inteligência é a capacidade de perceber o essencial, o que é: despertar essa capacidade, em si próprio e nos outros, eis em que se resume a educação” (KRISHNAMURTI, 2009, p.18).

Percurso metodológico

Neste artigo, compreende-se a pesquisa como “um processo de construção do conhecimento que tem como metas principais gerar novo conhecimento e/ou corroborar ou refutar algum conhecimento preexistente” (CLARK; CASTRO, 2003, p. 67).

Essa pesquisa é de natureza básica, pois visa “o avanço do conhecimento das práticas pedagógicas sem nenhuma preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados a serem

colhidos” (APPOLINÁRIO, 2011, p. 146). Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, na perspectiva de Correia e Costa (2012), a qual se configura como fase preliminar do trabalho científico, visando a explorar mais informações sobre o assunto estudado.

Quanto à abordagem do problema, a pesquisa será qualitativa, segundo Minayo (2001, p. 21-22) “trabalhando o nível de realidade que não pode ser quantificado”. Ou seja, “ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...] dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalidade de variáveis.”. Esse processo solicita uma busca de informações para elaborar e documentar um trabalho de pesquisa científica.

Nesse sentido, esta pesquisa foi realizada a partir de artigos acadêmicos publicados em plataformas online de pesquisa, tais como Google acadêmico e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), utilizando como palavras-chave: prática pedagógica, melhoria na educação e autonomia do aluno. Logo, optou-se por adotar um recorte temporal, abrangendo os 10 últimos anos, ou seja, contemplando publicações realizadas a partir de 2013. Outro critério adotado na seleção dos artigos científicos foi a leitura dos resumos, sendo que quando se observava que não havia afinidade com a temática da pesquisa, o artigo não era selecionado para leitura e análise.

Publicações científicas acerca do assunto

Ao total foram encontrados, a partir das palavras-chave, 510 artigos. Porém, ao realizar a leitura do resumo dos mesmos, observou-se que seu enfoque não ia ao encontro do objetivo da pesquisa. Assim, selecionou-se para leitura e análise um total de quatro artigos, aos quais estão brevemente sistematizados no quadro, apresentado na sequência (Quadro 01).

A partir do quadro, pode-se observar uma forte presença das Metodologias Ativas de Ensino Aprendizagem (MAEAs), sendo referenciadas em três dos quatro artigos, para o desenvolvimento de práticas pedagógicas tendo em vista a formação de alunos autônomos, o que se compreende, em boa parte, pelo fato de nas Metodologias Ativas, o aluno ocupa um lugar central na construção do seu conhecimento, no decorrer da prática pedagógica, sendo o professor um mediador, um facilitador neste processo.

Quadro 01 : Sistematização dos artigos selecionados

Título do Artigo	Autor(es)/Ano	Objetivo
Autonomia no contexto pedagógico: percepção de estudantes de medicina acerca da aprendizagem baseada em problemas	SMOLKA; GOMES; SIQUEIRA-BATISTA, 2014	Analisar os resultados de uma investigação empírica com o objetivo de avaliar a percepção dos alunos sobre o processo de construção da autonomia acadêmica durante a graduação em Medicina em um curso que vivencia as atuais mudanças nas metodologias de ensino-aprendizagem, tendo como exemplo desse processo de aprendizagem baseado em problemas, implementado no Unifeso.
Aprendizagem Baseada em Problemas: um método de ensino-aprendizagem e suas práticas educativas.	BOROCHOVICIUS; TORTELLA, 2014.	Analisar o desenvolvimento do método: Aprendizagem Baseada em Problemas, no curso de administração de uma universidade do estado de São Paulo, especificamente, nas disciplinas de finanças, que envolvem conceitos teóricos e matemáticos.
Práticas pedagógicas e ensino integrado	ARAÚJO; FRIGOTTO, 2015.	Analisar por meio de pesquisa bibliográfica as práticas pedagógicas no ensino médio integrado, problematizando possíveis soluções didáticas para o projeto de ensino integrado e que o desenvolvimento de práticas pedagógicas integradoras requer, principalmente, soluções ético-política
Metodologias ativas de ensino aprendizagem: revisão integrativa	PAIVA et. al., 2016	Analisar o uso de metodologias ativas de ensino-aprendizagem a partir de uma revisão integrativa da literatura, usando a seguinte questão norteadora: “Como as metodologias ativas de ensino-aprendizagem vêm sendo utilizadas nos cenários de educação e quais são os benefícios e desafios de seu uso?”. Observando o uso das metodologias ativas de ensino-aprendizagem a partir de uma revisão

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Sugestões para aprimoramento da prática docente visando à formação de alunos autônomos

Desenvolver a autonomia dos estudantes é fundamental para a sua formação. Quando estimulamos os alunos a serem mais autônomos, oferecemos uma educação que vai durar por toda vida, não apenas durante o período escolar.

Segundo Araújo e Frigotto (2015), a inclusão de um projeto pedagógico integrado é uma excelente estratégia para formação de alunos autônomos, compreendendo o ensino integrado como

um projeto que traz um conteúdo político-pedagógico engajado, comprometido com o desenvolvimento de ações formativas integradoras (em oposição às práticas

fragmentadoras do saber), capazes de promover a autonomia e ampliar os horizontes (a liberdade) dos sujeitos das práticas pedagógicas, professores e alunos.” (ARAÚJO; FRIGOTTO, 2015, p. 63)

Para esses autores, a autonomia é a capacidade dos indivíduos compreenderem a sua realidade, identificando que eles são o produto e o sujeito da própria história, conforme fragmento:

A autonomia, condição desejável pelo ensino integrado, é aqui entendida como capacidade de os indivíduos compreenderem a sua realidade, de modo crítico, em articulação com a totalidade social, intervindo na mesma conforme as suas condições objetivas e subjetivas. Em outras palavras, reconhecendo-se como produto da história, mas também como sujeito de sua história (ARAÚJO; FRIGOTTO, 2015. p. 74)

Os estudiosos destacam também a importância de o docente ter autonomia para pensar sua prática pedagógica no ensino integrado, sendo necessário prever essa autonomia, tendo-se, dessa forma, professores e estudantes atuando efetivamente como sujeitos da prática pedagógica.

Além disso, os referidos autores apontam, como estratégias para promoção da autonomia, a valorização de atividades desenvolvidas junto a uma problematização das mesmas - articulando com a realidade vivenciada pelos alunos -, entendendo a atividade “na perspectiva da transformação da realidade e visando à ampliação das capacidades humanas” (p. 73). A atividade constitui-se, assim, em um componente a ser pensado, para ser de caráter integrador, no decorrer das práticas pedagógicas, contemplando planejamento, desenvolvimento e avaliação das práticas, ditas integradoras.

Além dessas estratégias em direção à formação de autonomia por parte dos educandos, Araújo e Frigotto (2015), citando o educador soviético Pistrak (2009)⁴, expõe que Pistrak relaciona autonomia com a auto organização dos alunos, sendo necessário para isso o desenvolvimento das seguintes habilidades: a) trabalhar coletivamente; b) organizar tarefas; c) desenvolver a criatividade.

Para Pistrak (2009, p. 123, apud ARAÚJO; FRIGOTTO, 2015, p. 74), a autodireção dos estudantes exige que estes passem “[...] por experiências diversas, de formas variadas nas vivências cotidianas, constituindo desta maneira uma bagagem vasta de conhecimento,

⁴ PISTRÁK (Org.). **A escola-comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

contornando as adversidades e organizando-se para concretização e adaptação ao seu modo de entender seu entorno e desenvolver sua forma de aprendizagem, conforme suas capacidades de compreensão, adaptação e conclusão de atividades. A criatividade forma-se através da necessidade de resolução de problemas corriqueiros da vida diária e constitui formas como cada indivíduo se dispõe a resolver e se posicionar para solucionar, desenvolvendo estratégias para chegar ao resultado desejado.

Para que a criatividade se desenvolva no âmbito escolar deve-se problematizar conteúdos escolares na busca de soluções através de seu autoconhecimento, incentivando-o a enfrentar e se posicionar perante suas dificuldades, saindo assim de sua zona de conforto, desafiando-o a encontrar a solução, sendo através de pesquisas, leituras, exercícios ou habilidades desenvolvidas durante sua vida escolar.

No estudo de Smolka; Gomes; Siqueira-Batista, (2014, p. 10), é apontado que os estudantes acreditam que o ensino a partir da adoção de Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem (MAEAs), é um processo “difícil no início da aprendizagem, pois [o aluno] acaba procurando sua autonomia de forma desesperada e somente a longo prazo começa a entender e achar seus próprios meios, fortalecendo a responsabilidade e entendimento”.

O processo de construção da autonomia desenvolvido pela adoção de MAEAs é benéfico. Todos os estudantes relataram que foi preciso desenvolver autonomia para construir o conhecimento necessário ao longo do curso e reforçam que, diferente do ensino tradicional, o conteúdo precisa ser buscado, e o estudante é o maior responsável pela busca, tornando-se um estudante autônomo e dono dos seus processos de aprendizagem. Destacam também a importância da participação efetiva dos docentes (SMOLKA; GOMES; SIQUEIRA-BATISTA 2014, p. 12).

Vale ressaltar que no artigo em questão, os autores trazem o entendimento de autonomia “não no sentido de independência, individualismo ou desapego”, pois defendem a interdependência, não considerando ser possível haver uma situação na qual se possa agir de forma totalmente autônoma, independente de fatores externos. Semelhante ao que encontraram nas respostas dos estudantes, os quais enfatizam que autonomia não se trata de “saber fazer tudo sozinho”; ou seja, autonomia ‘não é aprender sozinho’, ‘autodidatismo’” (SMOLKA; GOMES; SIQUEIRA-BATISTA, 2014, p.9).

Na metodologia Aprendizagem Baseada em Problemas, abordada na pesquisa de BorochoVICIUS e Tortella (2014), o aluno é capaz de construir o aprendizado conceitual, procedimental e atitudinal por meio de problemas propostos que o expõe a situações motivadoras e o prepara para o mundo do trabalho. Nesse método, “o aluno precisa desenvolver a capacidade de descobrir e usar informações, construir suas próprias habilidades para resolver problemas e aprender o conteúdo necessário” (p. 265).

Para que ocorra a formação da autonomia, é preciso que a aprendizagem ocorra. Sendo assim, o professor tem papel fundamental nesse processo, este precisa ser compreensivo e estar se relacionando com as experiências e vivências dos alunos. Desta forma, desafiando os alunos e estimulando-os a se desafiarem e adquirirem novas aprendizagens. O docente participa estimulando o pensamento crítico dos alunos, o auto-aprendizado. Portanto, orientando o desenvolvimento do pensamento próprio, além de promover a participação dos alunos em trabalhar em grupo, mantendo as discussões sobre os temas abordados. Os docentes devem intervir nesse processo apenas para estimular os alunos ao pensamento crítico, auxiliando nas descobertas de possíveis erros de concepções, detectar possíveis erros de informações e ao descobrir a dificuldade dos alunos em encontrar o caminho correto, prover informações, com breve explicação, com exemplos práticos, para que o grupo retome a discussão de forma adequada (BOROCHOVICIUS; TORTELLA, 2014).

As intervenções durante o processo de aprendizagem, quando realizadas pelos educadores, devem ser realizadas a fim de dar solução ao problema, usando perguntas para explorar e estimular o pensamento, fazendo com que o aluno desenvolva sua autonomia, de forma didática. O professor passa a ser orientador de experiência agindo muito mais como líder do que como uma figura autoritária.

Desse modo, não cabe ao professor o papel de sistematizar o conhecimento necessário à análise ou à solução do problema, mas o de acompanhar o aluno intervindo com informações e estabelecendo uma ponte entre os conhecimentos prévios do estudante e o novo conteúdo a ser aprendido, desafiando o aluno a pensar de forma crítica, desenvolvendo então sua autonomia como sujeito (BOROCHOVICIUS; TORTELLA, 2014).

Paiva e colaboradores (2016), mediante uma revisão integrativa da literatura, na qual foram selecionados 10 artigos sobre o cenário em que ocorre o emprego de Metodologias Ativas de Ensino Aprendizagem, pontuam que essas metodologias são estratégias de ensino que têm por objetivo incentivar os estudantes a aprender de forma autônoma e participativa,

por meio de problemas e situações reais, realizando tarefas que os estimulem a pensar além, a terem iniciativa, a debaterem, tornando-se responsáveis pela construção do seu conhecimento. Nas palavras dos autores,

O desenvolvimento da autonomia do aluno é um dos benefícios mais enfatizados nos artigos selecionados. Pode-se compreender o desenvolvimento da autonomia como questão central no processo de aprendizagem por meio das metodologias ativas de ensino-aprendizagem, compreendendo autonomia em seu sentido mais amplo servindo à libertação, se funda na criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeira dos homens sobre a realidade, responde à sua vocação, como seres que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação criadora (PAIVA et al., 2016, p. 151).

Desse modo, compreende-se forte relação entre a adoção de metodologias ativas de ensino-aprendizagem e o processo de construção da autonomia dos alunos, constituindo-se, assim, uma prática pedagógica que tem como base a criatividade, a reflexão e a ação do ser no ambiente em que está inserido, compreendendo e participando do seu meio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou a proposta das metodologias ativas de ensino-aprendizagem no contexto da educação tendo como alvo a autonomia do sujeito. Observamos que o professor líder tem um papel fundamental no desenvolvimento da autonomia do aluno, não sendo apenas quem leva a informação, mas sim um aliado na construção do conhecimento, auxiliando o aluno no processo de aprendizagem e autonomia. Juntamente com esse professor líder devem ser adotadas práticas pedagógicas que auxiliem no ensino e desenvolvimento dos alunos.

Na leitura dos artigos selecionados, observamos inúmeras metodologias de ensino-aprendizagem. Segundo Araújo e Frigotto (2015), a chave é vincular o ensino ao trabalho prático dos alunos, valorizar a auto-organização, exigir uma atitude humana transformadora utilizando a docência de uma forma sistemática e prática, sendo a problematização e a auto-organização os principais aspectos de treinamento visando à autonomia do sujeito, adquirindo experiências de vida. Desta forma, aprendendo a lidar com as vivências cotidianas de forma autônoma.

Em contrapartida, para Smolka, Gomes e Siqueira-Batista (2014), a inclusão dos MAEAs traz inúmeros benefícios para os estudantes a longo prazo, pois esses precisam

buscar informações para que haja uma construção do conhecimento, sendo eles os responsáveis pelo seu crescimento se tornando autônomos nesse processo de aprendizagem.

Outro aspecto importante já citado é a participação do docente, que apresenta um papel fundamental no processo da busca por autonomia segundo BorochoVICIUS e Tortella (2014), esse precisa estar relacionado com o aluno e suas vivências. Além disso, o aluno deve ser capaz de construir seu aprendizado, desenvolvendo a capacidade de descobrir e usar informações, construir suas próprias habilidades para resolver problemas e aprender o conteúdo necessário, se tornando o protagonista desta jornada. Já para Paiva et. al. (2016), os estudantes precisam pensar além do que se é proposto no cotidiano, isso faz com que eles tenham iniciativa fazendo com que sejam responsáveis pelo seu próprio conhecimento.

Desta forma, concluímos que a melhor estratégia para alcançar a autonomia do aluno é aquela que foca no sujeito como protagonista no seu processo de aprendizagem. Todos os artigos incentivam essa busca e construção do conhecimento de forma autônoma para o aluno, tendo o professor como um auxiliador nesse processo, liderando e incentivando os discentes. Logo, faz-se necessária uma busca constante por metodologias que visem à autonomia dos alunos, fazendo com que eles sejam os responsáveis pela construção do seu conhecimento e do seu futuro.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 295p

ARAÚJO, R. M. de L.; FRIGOTTO, G. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**. Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, maio/ago., 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/7956>>. Acesso em: 05 maio 2022.

BOROCHOVICIUS, E.; TORTELLA, J. C. B. Aprendizagem Baseada em Problemas: um método de ensino-aprendizagem e suas práticas educativas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 22, n. 83, p. 263-293, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/QQXPb5SbP54VJtpmvThLBTc/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 05 maio 2022.

CLARK, O. A. C.; CASTRO, A. A. A pesquisa. *Pesquisa Odontológica Brasileira*, v. 17(Supl 1):67-9, 2003.

CORRÊA, J. C. da S.; COSTA, M. de M. **Metodologia da pesquisa** 1 e 2. Belém: IEPA, 2012.

FRANCO, M. A. do R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. v. 47, n. 247, p. 534-551, set. - dez., 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjJVSPzTq/#>>. Acesso em: 5 maio 2023.

KRISHNAMURTI. **Krishnamurti para iniciantes**: a verdadeira educação - Antologia Básica. São Paulo: Cultrix, 2009.

MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, E. **Complexidade e transdisciplinaridade**: a reforma da universidade e do Ensino Fundamental. Natal: Editora da UFRN, 1999.

PAIVA, M. R. F. [et. al.]. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa. **SANARE - Revista de Políticas Públicas**, v. 15, n. 2, p. 145-153, 2016.

RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia**, n. 27, v. 3, p. 403-412, 2010.

SMOLKA, M. L. R. M.; GOMES, A. P.; SIQUEIRA-BATISTA, R. Autonomia no contexto pedagógico: percepção de estudantes de medicina acerca da aprendizagem baseada em problemas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 38, p. 5-14, 2014.